

## O VERDADEIRO DA VERDADE EM FERNANDO PESSOA E CLARICE LISPECTOR OU UM PARALELO ENTRE O HETERÔNIMO E O ANÔNIMO (\*)

---

Daisy Justus (\*\*)

“Há muito – não sei se há dias, se há meses – não registro impressão nenhuma; não penso, portanto não existo. Estou esquecido de quem sou; não sei escrever porque não sei ser. Por um adormecimento oblíquo, tenho sido outro. Saber que não me lembro é despertar.”  
**Fernando Pessoa – Livro do desassossego**<sup>1</sup>

“Transfiguro a realidade e então outra realidade sonhadora e sonâmbula, me cria. E eu inteira rolo e à medida que rolo no chão vou me acrescentando em folhas, eu, obra anônima de uma realidade anônima só justificável enquanto dura a minha vida. E depois? Depois tudo o que vivi será de um pobre supérfluo.”  
**Clarice Lispector – Água viva**<sup>2</sup>

A proposta deste breve ensaio é pontuar na obra de dois mestres da literatura de língua portuguesa, Fernando Pessoa e Clarice Lispector, em estilos absolutamente próprios, a busca da marca da radical diferença subjetiva que permanentemente se inscreve na escritura de ambos, marca que se faz distintiva do seu desejo e de sua singularidade.

Tanto Fernando Pessoa quanto Clarice Lispector são exemplos extremos de uma das características da moderna corrente

---

(\*) Texto apresentado no VI Encontro do Centro de Estudos Fernando Pessoa. Curitiba, maio/2002.

(\*\*) Psicanalista, Mestre em Antropologia Social – UFRJ.

<sup>1</sup> PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>2</sup> LISPECTOR, Clarice *Água viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

literária: a introversão ao lado da objetividade. Os dois escritores levam o leitor a defrontar-se com o insondável, com a impessoalidade, com a angústia de existir, ao lado do eterno jogo de presença e ausência, um constante *dentro e fora*.

Sabemos que cada leitor, em qualquer circunstância, constrói, no ato da leitura, uma experiência própria e única. Sendo assim, “a produção do sentido implica a apropriação do texto pelo leitor”; daí a impressão “de sua própria singularidade na experiência da leitura”, assinala Joel Birman<sup>3</sup>.

Quando essa referida experiência de leitura assume a tonalidade e a sonoridade de uma provocação, o leitor, ao aceitá-la, poderá ser surpreendido pelo movimento de deslizamento de seu próprio desejo, por vezes estagnado por situações as mais diversas.

Absurdemos a vida, de leste a oeste.  
Fernando Pessoa<sup>4</sup>

O leitor passa a adquirir um maior conhecimento de si mesmo, condição fora de alcance até então, já que o texto irá transformá-lo em *leitor-decifrador* de sua própria subjetividade. O texto torna-se uma fonte de revelação para o próprio sujeito, já que ele é levado a rever gradativamente seus códigos de referência.

Há que se sublinhar neste ponto a presença daquilo que a Psicanálise chama de uma “experiência do inconsciente”, resultado desse encontro singular que o texto provoca no leitor, a partir de uma determinada “experiência de leitura”. Tanto Clarice quanto Pessoa capturam o leitor sem que esse se dê conta disso, impondo a revelação de uma lógica própria, capaz de avessar toda a sua coerência, desvelando múltiplas possibilidades de sentido.

O texto de Fernando Pessoa assim como o de Clarice Lispector são da ordem de uma mensagem cifrada, cabendo uma interpretação, uma tradução. Como no sonho. Ambos trazem à tona a problemática da crise da própria identidade, ou seja, o enfrentamento de um “quem eu sou?”.

---

<sup>3</sup> BIRMAN, Joel. *Por uma estilística da existência*. São Paulo: Editora 34, 1996.

<sup>4</sup> PESSOA, Fernando. op.cit.

Num ritmo de busca incessante colocam o leitor num clima de tensão que atravessa todo o texto, levando-o a encarar a fluidez de seu desejo e de sua própria existência. Sabemos que as palavras mudam as coisas: elas nos possibilitam desfazer nossos nós e restabelecer certas verdades, através do destronamento de fantasmas arcaicos. Somente por meio delas podemos identificar e vencer nossas resistências.

Vale lembrar que a importantíssima articulação entre o valor do texto literário e a subjetividade recebeu dois tratamentos enfáticos e determinantes. São eles: segundo Kafka, “para escrever é preciso morrer”; Maurice Blanchot dá mais um passo: “para morrer é necessário escrever”<sup>5</sup>.

### Heteronomia x anonimato

Inúmeras são as tentativas de explicação para o fenômeno da heteronomia.

umas simples, algumas mais complexas. Outras, menos ousadas, dizem apenas: é uma incógnita, trata-se de um enigma. O que parece difícil suportar é a cena do escritor à beira de seu abismo, ao mesmo tempo que ele, o leitor, é colocado simultaneamente à frente de seu próprio abismo, quando o escritor assina “Fernando Pessoa, ele mesmo”, ou quando se apresenta “Fernando Pessoa, o outro”, ou ainda nos faz deparar com a oposição à heteronomia: “Fernando Pessoa, ortônimo”.

Conforme Nelson da Silva Junior<sup>6</sup>, Fernando Pessoa nos fornece uma pista para decifrar o referido enigma ao afirmar ter desenvolvido uma capacidade de “outrar-se”, neologismo criado paralelamente ao processo da heteronomia. “Otrar-se significa um “tornar-se outro” de forma reflexiva. O outrar-se pode vir a ser a matriz dos diversos heterônimos, apontando para uma estrutura de alteridade”, continua Silva Junior.

<sup>5</sup> BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987

<sup>6</sup> SILVA JUNIOR, Nelson. Trauma e Fantasia – A ficcionalidade da Psicanálise. Hipótese a partir do Inquietante em Fernando Pessoa. In: BARTUCCI, Giovanna (org.). *Psicanálise, literatura e estéticas da subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001

“Fiz de mim o que não soube,  
E o que podia fazer de mim não o fiz.  
O dominó que vesti era errado.  
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.  
Quando quis tirar a máscara,  
Estava pegada à cara.  
Quando a tirei e me vi ao espelho,  
Já tinha envelhecido  
...E vou escrever esta história para provar que sou sublime.”<sup>7</sup>

Pessoa propõe uma situação extremamente particular: ao explicitar a precariedade da estrutura emocional do humano, leva-nos à intimidade do silêncio, um silêncio *seu*, que ele o faz *nosso*. Traça um apagamento de si, ao mesmo tempo que nos arrasta a um apagamento próprio. Conserva-se no interior da obra, ultrapassando toda e qualquer possibilidade de apoio. Momento de travessia, ali onde o *ele* toma o lugar do *eu*. Ou será o contrário?

“Não sou ninguém, ninguém.  
Sou o personagem de um romance ainda a ser escrito e flutuo,  
aéreo, disperso sem ter sido,  
entre os sonhos de um ser que não soube me acabar.”<sup>8</sup>

Talvez esse venha a ser um dos caminhos através do qual Fernando Pessoa propicia a seus leitores tão estranha familiaridade com seu texto, com seus personagens. Leva-nos a ser cada um dos heterônimos, sendo também, com ele, Fernando Pessoa, ele mesmo. Íntimos da inquietude, íntimos do desassossego, da dúvida e da hesitação.

“Em cada uma dessas sensações sou outro,  
renovo-me dolorosamente em cada impressão, indefinida.  
Vivo de impressões que não me pertencem,  
perdulário de renúncias,  
outro no modo como sou eu.”<sup>9</sup>

Poderíamos falar de condições para sustentar a heteronomia? De uma disciplina necessária para fazer *seus* os personagens de sua arte? Vivência dolorosa, só possível àqueles que têm muita intimidade

---

<sup>7</sup> PESSOA, Fernando. op.cit.

<sup>8</sup> PESSOA, Fernando. op.cit.

<sup>9</sup> PESSOA, Fernando. op.cit.

com a arte, onde talento e criatividade, ainda que indispensáveis, não são suficientes. A palavra, ao sustentar única e simplesmente seu valor de palavra, é que vai dar corpo ao personagem, oferecendo uma proliferação de sentidos, de nomes, de imagens que através de diferentes luzes e espelhos refletem um só nome: Fernando Pessoa. Nada mais que a palavra.

“Fernando Pessoa não existe, propriamente falando.”  
Álvaro de Campos<sup>10</sup>

Mas enquanto no escritor Fernando Pessoa o enfrentamento da identidade se faz pela via da multiplicidade, a escritora Clarice Lispector nega sua identidade ao constituir-se em “carta anônima”. A narradora de *Água Viva* considera-se como uma “obra anônima de uma realidade anônima”.

“O verdadeiro pensamento parece sem autor”.<sup>11</sup>

Clarice busca traduzir o monólogo interior, mergulhando numa linguagem nova para alcançar a sustentação de uma permanente indagação numa atmosfera densa e lúcida.

“Escrevo porque eu toda inteira sempre fui uma indagação sem resposta (...)”

“(...)escrevo por causa de uma solidão que independe dos outros. E também por sentir a necessidade de aprofundar as coisas, de vê-las como são por dentro”.<sup>12</sup>

Na escrita de Clarice o enredo tem uma importância secundária: a ênfase é dada aos pequenos detalhes do cotidiano, quando sua narrativa permite uma fusão da sensibilidade da escritora com a de seu leitor. Lança mão de uma forte conotação de fantástico e de simbólico. Explora o metafórico. Clarice deixa claro que se sua subjetividade é inominável, o anonimato é seu modo único de existir:

“Eu me ultrapasso, abdicando de mim e então sou o mundo: sigo a voz do mundo, eu mesma de súbito com voz única.”<sup>13</sup>

<sup>10</sup> CAMPOS, Álvaro. Prefácio para uma *Antologia de Poetas Sensacionistas*.

<sup>11</sup> LISPECTOR, Clarice. op. cit.

<sup>12</sup> LISPECTOR, Clarice. op.cit.

<sup>13</sup> LISPECTOR, Clarice. op. cit.

Clarice tinha um *hobby*: a pintura. Dizia que pintava o “figurativo do inominável”. A narradora sem nome de *Água Viva* também é pintora e busca, através da arte, sua imagem especular. O espelho é referido como objeto de reflexo da dor e do campo de silêncios. Silêncios que se desdobram em tantos outros. Sem nome. Ninguém. Anônima sempre.

“Na hora de pintar ou escrever sou anônima. Meu profundo anonimato que nunca ninguém tocou”.<sup>14</sup>

Clarice abordou questões relativas principalmente ao universo feminino, ao cotidiano e à própria linguagem, numa sintaxe extremamente peculiar, pessoal. Na sua busca da origem, da essência, explorou com rigor e muita riqueza a estrutura da própria palavra em si, que, como várias de suas personagens, também é colocada diante do espelho. Aceitando-se naturalmente como dupla, utiliza a língua para refletir sua identidade e a diferença, o sim e o não.

“Eu sou sim. Eu sou não. Aguardo com paciência a harmonia dos contrários. Serei um eu, o que significa também vós.”<sup>15</sup>

### À guisa de conclusão

Podemos dizer que ambos, tanto Fernando Pessoa quanto Clarice Lispector, ao abrirem caminhos por lugares diferentes dos esperados, pretendem o alcance de sua própria verdade.

No Seminário de número 9, *A identificação*<sup>16</sup>, Lacan fez o seguinte recorte:

“Está claro que é atrás do verdadeiro que se corre; disse-lhes já que é o *verdadeiro da verdade* que se procura.”

Na afirmativa de Lacan destaca-se esta expressão ao mesmo tempo instigante e sedutora: o *verdadeiro* da verdade. Qual a garantia de uma verdade, a qual o sujeito só poderá tê-la de si próprio, já que cada um tem a sua verdade? O que torna essa verdade legítima, já que ela será o estofado da tão cobiçada identificação? Árduo percurso, privilégio de poucos. Citamos Garcia-Roza: “Tentar atingir esse ponto derradeiro, ponto absoluto onde a palavra volta-se sobre si mesma,

<sup>14</sup> LISPECTOR, Clarice. op. cit.

<sup>15</sup> LISPECTOR, Clarice. op. cit.

<sup>16</sup> LACAN, Jacques. Seminário 9 – *A identificação*: inédito.

corresponderia, segundo Foucault, a algo parecido com a experiência da loucura. Loucura da linguagem ou o silêncio da palavra.”<sup>17</sup>

Percorrendo esse breve caminho mapeado por rápidos recortes na obra de Fernando Pessoa e Clarice Lispector, recorrendo à articulação dos campos da Literatura com a Psicanálise, podemos deduzir que o sujeito só alcançará sua verdadeira verdade através da sustentação da plasticidade das identificações humanas, onde os diferentes olhares, os diferentes ângulos, os diferentes espelhos, recortam a força da diferença de cada um, da particularidade subjetiva que nos é implícita. Lugar que chega ao ato criador em sua essência, exaltando o seu lado desejado e ao mesmo tempo assustador, temido, já que envolve a criação de realidades singulares.

Dito de outro modo, é como se Clarice e Pessoa nos exibissem a todo momento a *repetição da diferença*, já que será sempre de *uma outra coisa* que se trata, na busca incessante da verdade de cada um, que se faz intrínseca no processo mesmo da vida. Os referidos autores proclamam a transcendência dos limites da própria subjetividade, o rompimento das amarras e das certezas subjetivas.

Ainda uma citação de Clarice Lispector em *Água viva*<sup>18</sup>:

“Sinto que nos chegamos ao limiar de portas que estão abertas e por medo ou pelo que não sei, não atravessamos plenamente essas portas. Que, no entanto, tem nelas já gravado nosso nome. Cada pessoa tem uma porta com seu nome gravado e é só através dela que essa pessoa perdida pode entrar e se achar. O meu “normal” está aquém de mim. Fui além de mim e não posso voltar mais.”

Fernando Pessoa reitera em *Livro do desassossego*<sup>19</sup>:

“A vida pode ser sentida como uma náusea no estômago, a existência da própria alma como um incômodo dos músculos. A desolação do espírito, quando agudamente sentida, faz marés, de longe, no corpo, e dói por delegação.

Estou consciente de mim em um dia, em que a dor de ser

consciente é, como diz o poeta,  
*languidez, mareo*  
*y angustioso afán.”*

<sup>17</sup> GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

<sup>18</sup> LISPECTOR, Clarice. op. cit.

<sup>19</sup> PESSOA, Fernando. op. cit.

Merleau Ponty<sup>20</sup> em “*A linguagem indireta e as vozes do silêncio*” faz uma observação que nos parece bastante propícia para interromper este estudo, que apenas abriu caminho para pessoais especulações futuras em torno dos dois escritores aqui destacados, Clarice Lispector e Fernando Pessoa: “O que há de risco na comunicação literária, e de ambíguo, irreduzível à tese em todas as grandes obras de arte, não é um delíquio provisório do qual se pudesse esperar eximi-la, mas o esforço a que se tem de consentir para atingir a literatura, ou seja, a linguagem a explorar, que nos conduz a perspectivas inéditas em vez de nos confirmar as nossas.”

### Referências Bibliográficas

FORBES, Jorge. Fixões. In *Agenda de psicanálise*. Rio de Janeiro: Dumará.

GURGEL, Gabriela Lírio. *A procura da palavra no escuro*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2001.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. A iniciada sem seita. In *Sexo e discurso em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

KON, Noemi Moritz. Clarice Lispector: certas presenças permitem a transfiguração. *Percurso – Revista de Psicanálise*. Ano XI, n.21, 1998.

VARIN, Claire. *Línguas de fogo – Ensaio sobre Clarice Lispector*. São Paulo: Limiar, 2002.

### Daisy Justus

Rua Major Rubens Vaz, 446 apt. 1301

Gávea – Rio de Janeiro – RJ

22470-070

tel.: (21) 2239-4932

e-mail: [daisy.justus@infolink.com.br](mailto:daisy.justus@infolink.com.br)

---

<sup>20</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. *A dúvida de Cézanne*. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1980.